

O fundamentalismo cristão que apavora e manipula o universo de X-Men: Deus ama, o homem mata

Wellington Nascimento Alves*

Nataniel dos Santos Gomes**

Leonardo Gonçalves de Alvarenga***

RESUMO

As histórias em quadrinhos por muito tempo foram tidas como uma produção textual para os que não possuíam uma capacidade interpretativa aguçada. Pautando-se no objeto, a *graphic novel* – *X-Men: Deus ama, o homem mata*, escrita por Claremont e desenhada por Anderson, o foco analítico é o fundamentalismo cristão incluso na narrativa do quadrinho, recortando a produção no contexto norte-americano na década de 1980. Com o aporte dos estudos da linguagem dos quadrinhos e, como sua composição pautada no imagético e no verbal, absorve e dialoga com as temáticas sociais, históricas, políticas e religiosas, analisamos as características e a problemática que envolve a interpretação literal dos textos bíblicos. Com o auxílio da teologia *tillichiana*, investigamos a atitude avessa do reverendo Stryker a modernidade e com isso o surgimento de novas visões e sua atitude demoníaca contra a pluralidade das cosmovisões.

Palavras-chave: *Graphic novel*; X-men; Fundamentalismo; Estados Unidos; Religião.

* Mestre em Letras; Pós-graduado em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura; Graduado em Letras e professor do ensino público de Mato Grosso do Sul. <https://orcid.org/0000-0003-3911-1552>. E-mail: wellingtonnascimentoalves@hotmail.com.

** Doutor em Linguística; Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. <https://orcid.org/0000-0003-3911-1552> E-mail: natanielgomes@gmail.com.

*** Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP/EHESS, Paris). Membro do Grupo de Pesquisa Paul Tillich e do Núcleo de Pesquisa em Quadrinhos – NuPEQ. <https://orcid.org/0000-0001-5249-766X>. E-mail: alvarengalg2@gmail.com.

THE CHRISTIAN FUNDAMENTALISM THAT TERRIFIES AND MANIPULATES THE X-MEN UNIVERSE: GOD LOVES, MAN KILLS

ABSTRACT

Comics have long been regarded as a textual production for those who do not have such a sharp interpretive capacity. Based on the object, the graphic novel - X-Men: God Loves, Man Kills, written by Claremont and drawn by Anderson, the analytical focus is the Christian fundamentalism included in the comic book narrative, cutting the production in the North American context in the 1980s. With the support of studies on the language of comics, and how their composition based on the imagetic and verbal absorbs and dialogues with social, historical, political, and religious themes, we analyze the characteristics and the problems that involve the literal interpretation of biblical texts. With the help of Tilichian theology, we investigate Reverend Stryker's averse attitude to modernity and with it the emergence of new views and his demonic attitude against the plurality of worldviews.

Keywords: Graphic novel; X-men; Fundamentalism; United States; Religion.

1. Introdução

Para Santos (2017), os anos 1980 são marcados por um projeto político neoconservador que cria narrativas de uma nação que exclui certos grupos sociais, como latino-americanos e imigrantes que, ainda que possam ter sua cidadania reconhecida, não são considerados como pertencentes à tradição do Destino Manifesto, conceito que norteava a “predestinação” dos Estados Unidos na expansão dos seus valores a outros povos.

Tal conceito é tão arraigado na cultura estadunidense em sua própria mitificação de nação, que surge da união de expectativas milenaristas ou de desejos de uma volta ao Paraíso Perdido, que encontra um terreno perfeito na religião para crescer e frutificar, em especial com o chamado fundamentalismo. Dentro da atmosfera fundamentalista surge o que fora denominado “fundamentalismo bíblico”.

Construções assim apresentam a história estadunidense como um projeto único, que precisa ser exportado para o mundo como vocação

divina, configurado pela noção de que a base americana seria formada por brancos, anglo-saxões e protestantes.

É nesse contexto em que foi publicada a *graphic novel X-Men: Deus ama, o homem mata* (em inglês, *X-Men: God loves, Man Kills*), que mostra como o líder religioso William Stryker usa uma série de anacronismos e distorções do texto sagrado, para perseguir aqueles que ele julga dignos de condenação, como os mutantes. Para o líder religioso, como os mutantes não aparecem nos textos sagrados, logo são criações demoníacas. Dessa forma, a obra acaba fazendo uma síntese do que o supergrupo X-Men representa: a perseguição ao diferente, seja religiosa, racial ou qualquer outra.

A luta contra o preconceito mutante é utilizada na *graphic novel* como uma forma de refletir sobre a perseguição às minorias. O roteirista Chris Claremont apresenta o antagonista, o pastor fundamentalista William Stryker, como um indivíduo inteligente e convicto de suas ações. O processo de análise da obra pauta-se nas observações sobre o cerne ideológico do fundamentalismo cristão, mais precisamente as consequências advindas do fundamentalismo bíblico, partindo do conceito do demônico do teólogo Paul Tillich.

2. O contexto de criação dos X-Men

O contexto de criação do super-grupo é bastante peculiar, precedendo a *graphic novel* em questão. Os X-Men foram criados por Stan Lee e Jack Kirby em 1963. O supergrupo inaugurou uma onda de novas temáticas nas histórias em quadrinhos, como a incorporação de aspectos históricos, a intolerância e as questões genéticas. Como argumenta Nascimento,

Muitos dos poderes adquiridos por eles eram comuns a outros super-heróis. Mas, o que diferencia o grupo dos demais heróis são as mutações, criadas como aporte para discussão sobre as diferenças existentes entre as pessoas. [...] era um campo fértil para discutir sobre os preconceitos e as atitudes violentas que eram executadas. (NASCIMENTO, 2023, p. 43).

Em uma entrevista, Stan Lee menciona que a intenção dos X-Men é demonstrar a intolerância que a raça humana tem com aquilo que é diferente. Como expõe Berger (2017), a intolerância é gerada por não

compreender as diversas cosmovisões existentes em um grupo social. A superequipe de heróis não lutava apenas contra inimigos com superpoderes, mas sua luta ultrapassava os requadros dos quadrinhos e atingia problemáticas do cotidiano das pessoas (NASCIMENTO, 2023).



Figura 1: Primeira equipe

Fonte: HQ Rock¹

Desde da década de 1960, a temática-eixo do grupo liga com a intolerância racial, mas não se limita isso. As histórias expandem sua crítica a diversas intolerâncias. Siani comenta,

É bastante revelador do que foi dito, quando nas aventuras, aparecem muitas vezes muros com pichações «fora mutantes!», «vamos limpar o mundo desse lixo genético!» reafirmando a ideia dos humanos «verdadeiros» como realmente puros. A mutação invalida a humanidade do indivíduo, relegando-o a um plano inferior dentro de um *esquema classificatória* que coloca os humanos num patamar superior e como espécie dominante no planeta. Dessa forma, o medo e a repulsa dos

¹ Disponível em: <https://hqrock.com.br/2011/06/10/a-historia-dos-x-men-nos-quadrinhos/>
Acesso em: 04 de abril de 2023.

humanos frente a esta nova espécie, não dá escolha aos mutantes a não ser fortalecer seus laços na comunidade, ou seja, são praticamente empurrados para os interstícios e as margens da estrutura social (SIANI, 2003, p. 70).

O conceito superioridade de uma raça sobre a outra é o eixo criativo para diversos personagens em X-Men. Como cita Sousa,

A partir do argumento da intolerância racial são constituídos personagens como o Senador Robert Kelly, ferrenho defensor da causa anti-mutante no Congresso norte-americano; o reverendo William Stryker, fanático religioso que prega a ira de Deus contra os mutantes; e os sentinelas, robôs gigantes construídos pelo cientista Bolivar Trask com o objetivo de exterminar os mutantes. (SOUSA, 2015, p. 04)

Dentro do amplo repertório de histórias da super-equipe, escolhemos um quadrinho dos anos 1980, *X-Men: Deus ama, o homem mata*, de Claremont e Anderson, que absorve toda problemática advinda da década e a analisa de maneira crítica.

2.1. *Deus ama, o homem mata*

A *graphic novel* *X-Men: Deus ama, o homem mata* traz, em suas páginas, a essência incorporada desde a criação dos super-heróis, a intolerância, mais especificamente, a intolerância por parte da religião.

A *graphic novel* foi roteirizada por Chris Claremont e ilustrada por Brent Anderson, sendo publicada em 1982, nos Estados Unidos. Já em terras brasileiras, a revista ganhou diversas publicações e republicações durante os anos. Sua primeira edição saiu em 1988, pela Editora Abril. Em 2003, a Panini Comics lançou sua edição e em 2014 relançou a publicação. Já no ano de 2023, a mesma Panini lança uma versão estendida com algumas páginas a mais, que Claremont revisou e refez, já que o artista entendeu que eram muito datadas e marcadas de preconceito racial.

A edição lançada pela Editora Abril recebeu uma autocensura no título. Morgado (2021, p. 222) comenta que “a edição de estreia de *Graphic Novel* vinha com a história dos X-Men chamada ‘God loves, Man Kills’ (Deus ama, o homem mata), mas no Brasil a aventura foi traduzida com ‘Conflito de uma raça’. O título original não pôde ser

traduzido ao pé da letra”. Morgado transcreve a fala do editor explicando a motivação dessa censura,

Foi uma censura própria, na direção da redação. Na época, o diretor de redação era o Cláudio Marra. Ele, além de diretor, também era pastor. E achava que não era de bom tom usar em um título de uma revista popular as palavras “Deus e Mata”. A gente não tinha essa pegada religiosa que ele teve. É difícil dizer se ele estava certo ou errado! Mas o título “Conflito de uma Raça” é um título tão bom quanto. Que fala muito sobre a história em si. Na época, ele conversou comigo e eu até entendi o porquê da coisa. O título não foi proibido, foi apenas uma opção do diretor de redação (DEL MANTO *apud* MORGADO, 2021, p. 222).

Morgado expõe que a *graphic novel* sofreu algumas alterações textuais, para que não ofendesse a fé cristã. Anos depois a Panini ao assumir a publicação do quadrinho e decide publicar o texto o mais fiel possível à edição em inglês.



Figura 2: Autocensura ao quadrinho

Fonte: Universo X-Men ²

A história em questão possui uma grande importância dentro do universo dos X- Men. Pois, sua publicação no ano de 1982 trouxe ao cenário social diversas discussões importantíssimas. Com uma mensagem

² Disponível em: <https://universoxmen.com.br/2021/06/voce-sabia-hq-deus-ama-o-ho-mem-mata-ja-foi-censurada-no-brasil/> Acesso em: 17 de fevereiro de 2023.

atemporal, trazia em seu cerne uma análise crítica sobre os preconceitos ao diferente e o quanto isso se torna um câncer em meio na sociedade.

Posteriormente a obra foi republicada pela Panini Comics. O título é readaptado seguindo o original: *X-Men: Deus ama, o homem mata*, como é conhecido até hoje e aparece na figura 3.

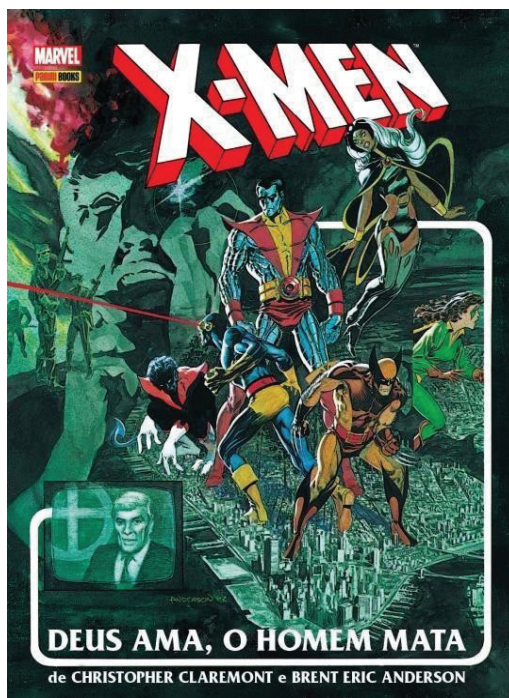


Figura 3: Capa da edição de 2014 – Panini Comics.

Fonte: CLAREMONT, Chris. ANDERSON, Brent.

3. O fundamentalismo “mata”

O fundamentalismo religioso cristão é um tema bem presente nos Estados Unidos desde a década de 1960, atraindo um público imenso para participar de grandes reuniões, em estádios e auditórios, causando estranhamento para quem não pertencia ao grupo. A *graphic novel* selecionada surge nesse contexto colocando o “dedo na ferida” das questões religiosas.

Voltando no tempo para entender o contexto do fundamentalismo, o século XIX apresenta uma série de transformações na realidade esta-

dunidense: os Estados Unidos estavam deixando de ser um país agrícola, para se tornar uma nação industrializada, o que implicava numa mudança na religião que se tornava mais “liberal” e “progressista”, quase “secular”. O modelo anterior já não dava conta de responder ao mundo que se apresentava ali.

Nesse contexto, o ultraconservadorismo deu à luz ao “fundamentalismo”, que pregava leituras literais do texto sagrado dos cristãos, tentando manter-se fiel a uma interpretação apologética limitante, que assumia um caráter de “monitoração e ‘monotonização’ discursiva, advogada pelos fundamentalistas e seus seguidores” (CASTRO, 2003, p. 50).

Desta forma, fundamentalismo surge como uma resistência aos movimentos modernistas e liberais, que acreditavam, respectivamente, que a Bíblia e seus dogmas deveriam ser questionados a partir das teorias histórico-críticas e que a ciência seria o instrumento ideal para interpretações e reinterpretações dos textos ditos sagrados, transformando a sociedade e reduzindo sua desigualdade. Ocorre que essa iniciativa de mudança do mundo, caminha para o empobrecimento no que diz respeito, sobretudo, ao desenvolvimento dos estudos teológicos.

Como o “objetivo explícito era o de despertar o interesse no resgate do passado, no ressurgimento de uma identidade supostamente perdida” (CASTRO, 2003, p.13), a religião busca a leitura literal da Bíblia. Tema que é debatido pelo teólogo Paul Tillich, como a autoelevação de algo finito ao patamar de infinitude. A busca pela manutenção dogmática em detrimento da situação presente, torna-se “demônico”, conceito que será apresentado mais à frente.

Sendo o fundamentalismo uma reação ao modernismo e ao liberalismo teológico do século XIX, teve a intenção de “proteger” o protestantismo da suposta apostasia e “salvar” a América e o mundo do socialismo. Opondo-se aos métodos históricos e críticos para análise do texto bíblico, o fundamentalismo apresentou suas opções ideológicas, inclusive, impedindo os avanços da ciência nas escolas estadunidenses que passaram a proibir o ensino da Teoria da Evolução, só para citar um exemplo.

Conforme Nogueira,

O Fundamentalismo tinha uma epistemologia bastante simplista, mas muito aceita na época, consistindo numa espécie de caricaturada da filosofia de Francis Bacon, filósofo empirista inglês do século XVII, a “filosofia do senso comum”. Este baconianismo americano se caracterizava por ser antiespeculativo, antimetafísico, buscava conhecimento intuitivo, examinava os fatos ajuntando-os e classificando-os. (NOGUEIRA, 2020, p. 35-36).

Além disso o fundamentalismo em sua opção ideológica foi contra o movimento de igualdade racial liderado pelo reverendo Martin Luther King Jr., apoiou a Guerra do Vietnã e, em alguns casos, chegou a ingressar na Ku Klux Klan, além de apoiar as ditaduras na América Latina em nome do estilo de vida estadunidense, em franca oposição aos movimentos sociais de esquerda da época.

O fundamentalismo se espalhou pelo mundo lutando contra ideias plurais, relativistas ou algum outro posicionamento que tivesse relação com a Modernidade. De acordo com Guimarães, o fundamentalismo “não se interessa por uma compreensão crítica da Bíblia, mas tem como objetivo assegurar e tornar infalíveis determinadas ideias, posições e doutrinas preconcebidas e bem definidas, valendo-se da Bíblia” (GUIMARÃES, 2014, p. 19). Seu principal interesse é a refutação de toda teoria moderna que busca reinterpretar a Bíblia. Para Sébastien Fath, o fundamentalismo exerce um controle psicossocial das crenças e das práticas. As “crenças congeladas” não se prestam bem a receitas criativas (SIEGFRIED *Apud* FATH, 2013, p. 979).

Desde as alterações ocorridas após a década de 1970, com “participação ativa na primeira campanha de eleição de Ronald Reagan” (CASTRO, 2003, p. 9), o fundamentalismo vem se (re)vestindo de artifícios políticos em nome da religião, que passa a ter nos textos bíblicos as interpretações que vão direcionar e legitimar os “valores ideais” a serem incluídos nas novas propostas de políticas públicas.

O surgimento e a propagação do dispensacionalismo³ ocorre ao mesmo tempo que o fundamentalismo, sendo o primeiro a “teologia

³ O dispensacionalismo é uma doutrina teológica que investiga o fim dos tempos, afirmando que Jesus Cristo voltará ao mundo físico, envolvendo o arrebatamento dos cristãos antes de uma grande tribulação, após isso ocorrerá a batalha do Armagedon e o estabelecimento do Reino Milenar de Jesus Cristo na Terra. Essa doutrina interpretativa divide a história da humanidade em períodos, que apresentam determinadas interações entre Deus e o ser humano, com base em pactos estabelecidos.

oficial” do fundamentalismo. Logo, a lógica anunciada era que o “fundamentalismo implica em dispensacionalismo, e dispensacionalismo implica em ortodoxia; portanto, para se fazer a interpretação correta da Bíblia é preciso abraçar os métodos dispensacionalistas.” (SEBASTIÃO, 2010, p. 35).

É nesse contexto religioso que permeava os anos 1980 nos Estados Unidos, que surge a *graphic novel* *X-Men: Deus ama, o homem mata*.

4. Como *X-Men Deus ama, o homem mata* retrata o fundamentalismo

O momento histórico vivido pelos Estados Unidos durante a publicação de *X-Men: Deus ama, o homem mata* era de intolerância e racismo contra aqueles ditos dissonantes. Como argumenta Dusilek,

Sua pauta religiosa é ortodoxa-moralista-heterônoma, oriunda das trincheiras de grupos e lideranças religiosas que sentiram o escanteamento da religião por conta da evolução da ciência e do otimismo com a Razão, especialmente de meados do século XIX ao início do século XX. (DUSILEK, 2020, s.p.)

Logo no início da *graphic novel*, em suas primeiras páginas, crianças são mortas, em uma sequência de imagens capazes de chocar os leitores, simplesmente por serem mutantes. Note-se que na imagem a seguir (figura 4), elas são negras, o que remete às questões raciais, à perseguição ao diferente e a opressão da maioria sobre as minorias na época da criação dos X-Men, na década de 1960.

Outro tema que chama atenção é a relação do salvo versus condenado ou do crente versus não crente e como isso é retratado na história. Tal relação pode gerar preconceitos, criando uma comunidade extremamente fechada, preconceituosa com quem não pertence a ela, sectária e utilitarista. Fica exposto um dualismo histórico e moralista, que trabalha com suas conveniências e aparências, conforme figura 5.

O líder religioso Stryker institui-se como emissário de Deus e determina que a criação divina seja pautada na estética humana e, tudo aquilo que não segue a “regra”, é obra maligna. Nesse momento, toda mudança que chega para destruir ou modificar o quadro tradicional religioso, político ou social, traz consigo uma insegurança e com isso seus adeptos buscam um ponto de segurança, um fundamento, e é nesse



Figura 4: Eliminação daqueles que não pertencem ao grupo (assassinato de crianças mutantes).

Fonte: CLAREMONT, Chris. ANDERSON, Brent. 2013, p. 7.

campo que o fundamentalismo se arraiga e se desenvolve (GUIMARÃES, 2014).

Na figura, vemos o reverendo apontar em direção ao Noturno (Kurt Wagner) e indagar: “Você ousa chamar aquilo de humano?” Sua base teológica é intolerante com o diferente. Como argumenta Berger (2017), em casos assim, em que a diferença tira a segurança daquele que se sente conformável em seu ponto de vista, há uma dissonância cogni-

tiva, um ataque contra a pessoa, que rompeu com sua pressuposição de segurança.

Nas análises de Tillich, ele conceitua de demônico o que é finito e transitório elevado a infinitude e a eternidade. “O fundamentalismo possui traços demoníacos” (TILLICH, 2005, p.21). Nesse caso, são textos bíblicos que são expostos como algo imutável pelos fundamentalistas, em sua forma “biblicista-evangelical”. Essa discussão está inserida dentro de um contexto maior que abrange a vida, a religião e suas ambiguidades. Em sua *Teologia Sistemática*, Paul Tillich argumenta que as realizações dos seres humanos estão expostas às ambiguidades que a vida por si mesma oferece. Na perspectiva do autor, isso acontece quando procuram manter e até mesmo aumentar seu poder absoluto ou integrador enquanto sujeitos governados por um centro pessoal. A realidade, uma vez produzida por sua linguagem e cultura ou a auto-projeção para além de si mesmos na busca pela autotranscendência, são características de uma vida ambígua que se manifesta em especial na religião. Elementos positivos e negativos estão inseparáveis da vida o tempo todo. A vida humana está atravessada pela tensão entre poderes de criação e poderes de destruição (ALVARENGA, 2016).

Em se tratando da religião, as ambiguidades manifestam-se entre o sagrado e secular (profano) e, o divino e demônico (TILLICH, 2005, p. 555-563). “A religião sempre se move entre os pontos ameaçadores de profanização e demonização, e em todo ato genuíno da vida religiosa ambas estão presentes, aberta ou disfarçadamente.” (MARTINS, 2004, p. 173).

Sobre o símbolo do demônico, Tillich diz que não necessita de justificação como em outros tempos, assim que foi introduzido na linguagem teológica. Este símbolo, como ainda nos dias de hoje, foi muito usado e abusado para designar forças antidivinas na vida individual e social. Deste jeito, o termo foi perdendo seu caráter ambíguo. O argumento de Tillich segue no sentido de desconstruir uma imagem tradicional do demônio como simplesmente negação do divino. O demônico é uma distorção da busca pela transcendência para reivindicar para si sua infinitude, ou seja, sua divindade, pretendendo-se como única portadora da revelação ou santidade. Toda vez que a religião reivindica divindade para si mesma aparece o demônico. O estado de ruptura é

uma das características do demônico no sentido de exclusividade ou de separação com pretensões absolutas. Um exemplo: “a reivindicação de um valor, representado por um Deus, de ser o critério de todos os outros conduz às divisões da religião politeísta” (p. 560). Neste caso, seria uma reação dos outros elementos de finitude (politeísmo) em função da elevação de um outro elemento da finitude (monoteísmo) à condição de poder e sentido infinito. (TILLICH, 2005, p. 560).

O demônico apresenta traços religiosos, com aparência moral ou cultural. Um bom exemplo é o Império Romano, “cuja grandeza, dignidade e caráter sublime foram reconhecidos universalmente, mas que se tornou possuído demonicamente quando se revestiu de santidade divina e produziu a ruptura que conduziu à luta antidemoníaca do cristianismo e à perseguição demoníaca dos cristãos” (TILLICH, 2005, p. 560). Este exemplo pode conduzir a uma análise da demonização da religião em seu sentido mais estrito. Neste caso porque a ambiguidade básica da religião possui uma raiz mais profunda que qualquer outra ambiguidade da vida, pois aquela é o ponto em que se recebe a resposta à pergunta pelo não ambíguo. Na prática a religião é ambígua, mesmo que em tese não seja, uma vez que essa resposta se dá nas formas cambiantes da existência moral e cultural do ser humano. “Estas formas participam do sagrado para o qual apontam, mas não são sagradas em si mesmas. A reivindicação de ser o próprio sagrado é que as torna demoníacas” (TILLICH, 2005, p. 561).

Este é o motivo por que teólogos, como Karl Barth, protestaram contra a aplicação do termo religião ao cristianismo. Seu posicionamento contrastava a religião com a revelação e descreveu a religião como tentativa do ser humano de se glorificar. Esta é uma descrição exata da religião demonizada, para Tillich (2005). Ela ignora o fato de que toda religião se baseia em revelação e que toda revelação se expressa numa religião.

O conceito de Paul Tillich sobre demônico consiste na tentativa de superação das ambiguidades inerentes a quaisquer ações humanas, em particular na religião. O demônico aparece quando a religião reivindica para si o poder divino e a santidade, sendo portadora exclusiva da revelação (ALVARENGA, 2016). Sendo assim, procura desqualificar todas as manifestações contrárias à sua forma de captar a revelação.

Um dos exemplos dados por Tillich nessa direção é do relacionamento de uma igreja com outro grupo religioso. O fanatismo religioso emana como consequência de uma insegurança interior, lançando elementos de demonização. O temor ao demoníaco é o medo da alteridade e da possibilidade de não estar com a verdade.

A suspeita e o ódio que aparecem nas relações com as outras religiões são um resultado do mesmo receio que produziu bruxas e a caça às heresias. É um genuíno temor ao demoníaco e, deste modo, não pode ser sobrepujado por um ideal de tolerância que esteja fundamentado em insensibilidade ou numa minimização abstrata das diferenças. A igreja torna-se então, demoníaca (MARTINS, 2004, p. 174)

De volta a *graphic novel*, Stryker advém da pressuposição que a Bíblia precisa ser cumprida em sua literalidade. Como argumenta Guimarães (2014), os métodos exegéticos modernos não são aceitos na interpretação dos textos bíblicos para os fundamentalistas.



Figura 5: Repulsa ao diferente (Noturno).

Fonte: CLAREMONT, Chris. ANDERSON, Brent. 2013, p. 61

Na figura 6, há mais um ponto da leitura fundamentalista dos textos sagrados. Stryker prepara uma ministração com base nos textos de Deuteronômio 17.2-5, em que a essência é o julgamento de falhas por intermédio do apedrejamento até a morte (NASCIMENTO, 2023). Sua intenção é propagar um discurso em que o ódio permeia as atitudes dos fiéis e que os mutantes não são filhos de Deus, merecendo a morte. A leitura de Striker é bastante seletiva, buscando textos bíblicos que justifiquem a violência e suas ideias pré-concebidas.



Figura 6: Reverendo Stryker lendo a Bíblia.



Figura 7: O discurso pautado no porto seguro

Fonte: CLAREMONT, Chris. ANDERSON, Brent. 2013, p. 53

Sua doutrina é exterminar aquilo que desafia o seu porto seguro. Assim, ele utiliza-se de uma leitura do texto bíblico para apoiar seu discurso de ódio, algo muito visto nos Estados Unidos na década de 1980. Seu discurso fundamentalista busca afirmar uma leitura literal dos textos sagrados. A proposição pautada na manutenção do porto seguro presente na *graphic novel*, esta posta no discurso do reverendo, enaltece a gênese da raça humana como única advinda de Deus. Tudo que não possui a estrutura física humana, as características, não provém do divino. Analisamos na imagem abaixo (Figura 7).

O porto seguro mencionado na imagem anterior é enaltecido, pois, a abertura para novas cosmovisões, pode desestruturar toda convicção já pré-estabelecida. Assim, pode-se concluir que o fundamentalismo se sustenta por uma leitura inquestionável dos sistemas doutrinários e dos textos sagrados. Nogueira argumenta,

É com base na aceitação ou não deste sistema de doutrinas (do qual acreditam que a Bíblia é fonte, que os fundamentalistas decidem se alguém é cristão ou não (portanto se a alma terá salvação ou perdição eternas). A função da Bíblia é dar informações (tiradas literalmente e segundo arranjos malabarísticos entre diferentes textos) para a construção deste edifício doutrinário. (NOGUEIRA, 2002, p. 41).

Mas, isso não é analisado apenas nessa figura, há diversos momentos em que o reverendo tenta induzir seus fiéis a odiar seu semelhante com uma leitura literalista na Bíblia.



Figura 8: Autotranscendência demônica.

Fonte: CLAREMONT, Chris. ANDERSON, Brent. 2013, p. 53

Embora o fundamentalismo use a Bíblia, sua intenção é formar um sistema de doutrinas essenciais de maneira que o texto religioso é apenas uma “prova” (*dicta probanda*) de suas ideias, modelo este já há muito tempo condenado pela teologia bíblica e pela teologia exegetica (HASEL, 2007).

Considerações finais

Não é de agora que grupos diversos usam a Bíblia para apoiar suas teorias inquestionáveis a respeito das Escrituras, dos dogmas e de Deus, do fim dos tempos e da vida, num processo que continua até hoje. Essas interpretações contemporâneas fundamentalistas têm feito muito sucesso entre os leitores evangélicos estadunidenses e foram importadas para a igreja brasileira. Obras como *A agonia do grande planeta Terra* (sic), de Hal Lindsey, e a série de romances *Deixados para trás*, Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, são panfletárias e servem

para enfatizar o moralismo cristão-evangélico fundamentalista, sempre por meio do medo e do pavor.

A graphic novel – X-Men: Deus ama, o homem mata é mais uma demonstração do potencial cultural, crítico e teológico desse tipo de arte e literatura. Neste artigo dialogamos com Paul Tillich e seu conceito de demônico para descrever as características do fundamentalismo presentes nesta produção. O fundamentalismo é um fenômeno moderno que responde àquilo que a época traz de essencial, a saber, a busca pela liberdade. Neste sentido, ainda que este movimento se posicione contrário a modernidade, seu berço é este. A modernidade produz ao mesmo tempo o veneno e o antídoto, numa simbiose interessante e desafiadora. Paul Tillich, “teólogo da fronteira”, oferece uma lente muito nítida para compreensão do fundamentalismo com seus “traços demoníacos”, cuja busca sincera e humilde pela verdade é diminuída. O fundamentalismo é capaz de criar uma crise de consciência e fanatismo, muito bem representado pela figura do Rev. Stryker, ao ser forçado a suprimir elementos da verdade dos quais tem consciência, mesmo que vaga.

Referências

ALVARENGA, Leonardo Gonçalves. O “demônico” na religião: o caso recente de uma igreja batista excluída da convenção batista brasileira. **Correlatio**, v. 15, n. 1, 2016, p. 21-40.

BERGER, Peter. **Os Múltiplos Altares da Modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho; revisão da tradução Gentil Avelino Titton; Petrópolis – RJ: Vozes, 2017.

CASTRO, Alexandre de Carvalho. **A Sedução da Imaginação Terminal**. Uma Análise das práticas discursivas do fundamentalismo americano. Rio de Janeiro: Horizontal, 2003.

CLAREMONT, Chris (argumento). ANDERSON, Brent (arte). **X-Men – Deus ama, o homem mata**. Marvel Comics. Barueri: Panini Comics, 2003.

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**. Uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves Dusilek. A resistência. In: CHEVITA-RESE, André; CAVALCANTI, Robinson; DUSILEK, Sérgio; MARIA, Tayná Louise de (Orgs.). **Fundamentalismo religioso cristão**: olhares transdisciplinares. Rio de Janeiro: Kliné Editora, 2020.

FATH, Sébastien. Protestantisme Évangélique. In : AZRIA, Régine; HERVIEU-LÉGER, Danièle. **Dictionnaire des faits religieux**. puf, 2013.

GUIMARÃES, Valtemir Ramos. Fundamentalismo Bíblico Protestante: Abordagem Histórica e Implicações Sociorreligiosas. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Ciências da Religião. Pernambuco. Universidade Católica de Pernambuco, 2014.

GOMES, Nataniel dos Santos e BARBOSA, Vanderlis Legramante. A igreja e o fim dos tempos: interpretações contemporâneas do Apocalipses e suas implicações para os evangélicos. In. ALVARENGA, Leonardo e LEÃO, Luís (org). **Evangélicos de ponta-cabeça**: fragmentos de uma história presente. São Paulo: Recriar, 2021.

HASEL, Gerhard F. **Teologia do Antigo e do Novo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. O demônico em Paul Tillich. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/viewFile/1772/1757>. Acesso em: 18 Jul 2023.

MORGADO, Alexandre. **Marvel comics: a trajetória da casa das ideias no Brasil**. Ed. Splash Books, 2ª Ed. 2021.

NOGUEIRA, Paulo A. de Souza. Leitura bíblica fundamentalista no Brasil: pressupostos e desenvolvimento. In: **Revista Caminhando**10, v. 7, 2002, p. 31- 49.

SANTOS, João Alves dos. **O Dispensacionalismo e suas implicações doutrinárias**. Disponível em: <<http://www.seminariojmc.br/index.php/2018/01/15/o-dispensacionalismo-e-suas-implicacoes-doutrinarias/>>, acesso em novembro de 2022.

SANTOS, Ronaldo Alves Ribeiro dos. **Juventude em fúria**: representações, tensões e política no governo Reagan. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2017.

SEBASTIÃO, Andréa dos Reis. **A crença no arrebatamento da Igreja**: seus desenvolvimentos e transformações imagéticas. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndorfer; São Leopoldo: Sinodal, 2005.

Submetido em: 19-7-2023

Aceito em: 17-8-2023